

quase nada:
o que faço
desfaço:

*

o homem estropiado recupera
o desenho da catástrofe,

*

no gelo,
as lagartas de ferro multiplicam
a aparente desordem de uma guerra.
As larvas nunca se perdem,
nunca se cansam, as larvas
mantêm a determinação da ruína numa casa,
deixando para trás a mesa posta, os pratos com restos de
comida, os copos húmidos de vinho. As manchas
brancas do vento. O que há de vulgar numa madrugada,
sabem-no elas breve: basta abrir a porta
ao visitante insuspeitado,
ao brilho indagador da arma

*

desloca a matança para o segredo de uma confiança
ou para a mudez de quem olha um quarto vazio:
é inesquecível
o que os séculos fizeram da incerteza da tua mão.
A contabilidade, o deve e o haver das burocráticas colheitas
transformam as cinzas num roteiro, num passeio pelo rio,
numa excursão de autocarro, ou na gelada aragem de novembro
num apeadeiro de caminhos-de-ferro da alta silésia:
o terror é uma enumeração meticulosa, uma ordem simples
do maior para o menor. Uma ardósia
onde o estalajadeiro escreve em letra gótica
os pratos do almoço de domingo. Axiomas. Com o seu rigor
amanuense.

*

um eco não é o que sobra de uma voz:
qualquer voz no eco é uma corda,
a exactidão de dois sentidos
que enraízam na boca a nudez ou o grito,
a morte ou o ofício do resíduo.

*

O binóculo aproxima a passagem vagarosa da muralha,
as árvores que perderam o nome no inverno.
As lentes esclarecem agora alguns destinos:
abrem a porta aos mortos, dão sombras a sombras,
não reconhecem vivos

*

a procura torna quase tudo incerto:
só a ordem sincopada tece, para trás e para a frente, a exac-

tidão da queda. Resta-nos uma cinza aérea, uma névoa suja,
o som das nozes a caírem nas folhas podres. E alguém que
levanta a cortina e nos vê a atravessar o círculo de orvalho.
Uma suspeita.

:

Pela janela, na pequena deformação do vidro, a larva
devora, a cada movimento da minha cabeça,
uma larva desperta da sua hibernação,
e recomeça:
come e defeca
come e defeca

*

O massacre concentrou-se em pequenas coisas. E sobrevive,
nas cansadas viagens suburbanas. Sob os olhos colados de
sono, a mão esquecida pesa ou afasta, às vezes cai, abando-
nada. Um cão enrola-se debaixo de um banco: as palavras
têm aqui a aspereza de um vidro riscado. Estação a estação
fica mais nítido o vômito nas janelas. E cada minuto recua
até encontrar a sua explicação.

Quem não conhece estas manhãs, duvida:
somos todos o passado clandestino dos felizes, quando o rio
era um brilho entre salgueiros, um desvio incerto da infância.

*

Quanto mais perto mais rápido.
Como num redemoinho,
assim respiramos.

*

O ar na pele dos lábios, enraíza. Nos dedos
passa, entreaberta, a humidade. O que há-de restar da som-
bra, será o zumbido de um enxame de vespas.

A vida toda, o que há-de.

Estamos próximos quanto mais estamos: frente ao muro,
os caminhos afastam-se como lagartixas. Mas o corpo, o intervalo, porque vibra? porque?

Os enxames de vespas aproximam,

a manhã e a tarde aproximam-se do rumor sitiado do poço.

Seca, a areia, grão a grão desfaz. A pele desfaz-se. Grão a grão rodeia

:

a vocação de um muro: encostar-se alguém a ele. E respirar. Qualquer passo é a agonia de uma paragem. Nas ervas daninhas, por onde fogem cobras, o som ramifica-se. Contra nós, a transparência dos sobreiros, o seu verde em queda, em quebra. Furtivas, as asas pressentem a falta de um refúgio, o ar em estilhas, o outro lado exorbitante de qualquer nitidez. Ou o zumbido de um enxame de vespas.

Quando as cobras param,

ressurge a pedra solta do muro.

Olhamos em volta.

E encostamo-nos a ele

*

Imensa, esta gente reconduz
a catástrofe ao ruído de folha sobre folha,
mas a vingança dos mortos
é uma faca mergulhada na terra, o gume
iluminado da raiz.

*

façam com as palavras aquilo que quiserem,
desfaçam-nas:

uma palavra desfeita não magoa,
uma palavra inteira rasga a boca,
uma palavra inteira é a certeza
de outra palavra inteira, a corda fina
que vai da trave à terra, do caibro ao vento
de uma janela aberta:
a imprecisa
minúcia da poeira

*

Uma casa é a aprendizagem do intruso, um refúgio voraz,
onde cada porta tem a solidez de uma cerca, de um velho
trémulo, com o peso do soalho nos pés.
Uma casa é de cima a baixo a disciplina do ódio,
:
os braços quando vestem, os ombros quando abrigam, os pés
quando reconhecem passo a passo a mesma pedra:
assim se perde um corpo no labirinto de um homem nu.
Espera-o a infância de um nó.
A infâmia.

*

Não é dor, nem cansaço, é ranço, as minhas mãos só sabem
escrever, as minhas mãos não sabem, as letras destroem-se,
destroem as frases, páginas e páginas desta destruição. Os
meus olhos, quanto menos, mais paciência têm para os detri-
tos. Eles próprios são detritos. O que vêm lentamente cega-
-os. Por entre, ressaltam os restos. Tudo é um resto. De quê.
Por entre, como se. Por entre, como. Por entre. Eis a glória de
deus. Nos arranha-céus, a rapidez de um teclado, o zumbido
de um enxame de vespas. E de súbito a queda. Ao longo de
um túnel. De um poço. De um fosso. Esta derrocada encobre,
isto é, inicia. Todas as derrocadas são uma iniciação: as con-